

**A VIDA POR MEIO DOS OLHOS: TONI MORRISON E CONCEIÇÃO EVARISTO EM
DIÁLOGO**

**LIFE THROUGH THE EYES: TONI MORRISON AND CONCEIÇÃO EVARISTO IN
DIALOGUE**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.063-019>

Luís Fernando de Souza Alves

Mestrado em Arqueologia das Paisagens Culturais
Universidad de Jaén

E-mail: luisf3@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6961912446654898>

Stefany Reis Marquioli

Mestrado em História
Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: stefanymarquioli@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4837081022903429>

Lucas Matheus Araújo Bicalho

Mestrado em História
Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: bicalholucas7@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1751370921832009>

Guilherme Carvalho Vieira

Doutorando em Ciências do Movimento Humano
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: guilherme.carvalho.unimontes@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6002574093789093>

André Luiz Mendes Athayde

Doutorado em Administração
Universidade de Brasília

E-mail: andreluizathayde@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9326970397011966>

Geraldo Magela Cáffaro

Doutorado em Literaturas de Expressão Inglesa
Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: gmcaffaro@yahoo.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5196014861235601>

Resumo

Toni Morrison, com seu romance *Amada*, e Conceição Evaristo, com seu conto *Olhos d'Água*, são postos lado a lado para identificar pontos de contato temáticos e simbólicos entre as duas produções. A partir de

uma metodologia qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica, são analisados motivos como os *olhos*, a *memória*, a *pobreza*, a *fome*, a *escravidão*, os *corpos*, a *religiosidade* e o *desenraizamento*. As autoras apresentam narrativas de denúncia contra a desumanização e a marginalização. Símbolos religiosos e corporais são mediadores da memória e das lutas de um povo. A subjetividade dos personagens pode ser observada em questões como as experiências de vida, a escravidão, a exclusão social e a migração forçada. Tanto Evaristo quanto Morrison articulam uma poética da memória por meio de uma literatura de denúncia que busca tornar-se visível no espaço da vida.

Palavras-chave: Escravidão; Literatura; Memória; Pobreza; Religiosidade.

Abstract

Toni Morrison, with her novel *Beloved*, and Conceição Evaristo, with her short story *Olhos d'Água*, are placed side by side to identify thematic and symbolic points of contact between the two works. Using a qualitative methodology and a literature review, themes such as *eyes*, *memory*, *poverty*, *hunger*, *slavery*, *bodies*, *religiosity*, and *uprooting* are analyzed. Both authors present narratives denouncing dehumanization and marginalization. Religious and bodily symbols function as mediators of memory and people's struggles. The characters' subjectivity can be observed through issues such as life experiences, slavery, social exclusion, and forced migration. Both Evaristo and Morrison articulate a poetics of memory through a literature of denunciation that seeks to become visible in the space of life.

Keywords: Literature; Memory; Poverty; Religiosity; Slavery.

1 INTRODUÇÃO

René Magritte (1929), um dos principais artistas surrealistas belgas, pintou *The False Mirror* (*O espelho falso*). Nesse quadro, é possível notar um olho e, dentro dele, um céu com nuvens. A partir de tal imagem (figura 1), é possível observar que o olhar evoca a ideia de um eu interior que olha para fora, isto é, para o mundo externo. Pode-se dizer que o olhar que vê também é um olhar visto.

Figura 1 – *The false mirror*



Fonte: Magritte (1929)

A temática dos olhos também aparece em obras literárias, como no livro *Olhos d'Água*, da autora brasileira Conceição Evaristo (2018). Também aparece no livro *Beloved (Amada)*, de Toni Morrison (2004). Diante disso, afirma-se que o objetivo desta produção é comparar partes dessas produções, especificamente seus pontos de contato. A metodologia aqui adotada é qualitativa, além de se tratar de uma revisão bibliográfica (Gil, 2002).

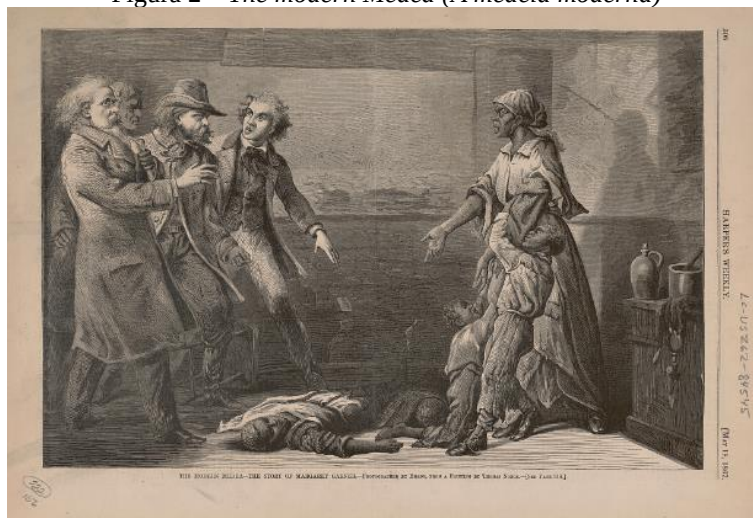
2 TONI MORRISON: VIDA E AMADA

Nascida Chloe Ardelia Wofford (18 de fevereiro de 1931 – 5 de agosto de 2019), Toni Morrison foi uma romancista e editora americana, tendo escrito obras como *The Bluest Eye (O olho mais azul)* (1970) e *Song of Solomon (Cântico de Salomão)* (1977). Em 1988, ela ganhou o *Prêmio Pulitzer* por sua obra *Beloved (Amada)* (1987). Também recebeu o *Prêmio Nobel de Literatura* em 1993 (Observer Voice, 2024). Em *Amada*¹, Morrison (2004) conta uma história ambientada no período posterior à Guerra Civil Americana. O romance conta a história de uma família de ex-escravos, cuja casa, em Cincinnati, é assombrada por um espírito malévolo.

A narrativa de *Amada* deriva da vida de Margaret Garner, uma escrava do estado escravista de Kentucky, que fugiu para o estado livre de Ohio em 1856. Garner foi capturada segundo a Lei do Escravo Fugitivo, de 1850, quando oficiais do exército dos Estados Unidos invadiram a cabana onde ela estava, tentando matar seus filhos a fim de que não fossem devolvidos à escravidão. Àquela altura, ela já havia matado sua filha mais nova (figura 2). Em *Beloved*, Sethe, uma ex-escrava, e sua filha de dezoito anos, Denver, moram na *124 Bluestone Road*. O local é assombrado pelo que as personagens acreditam ser o fantasma da filha mais velha de Sethe.

¹ Existe um filme, baseado no livro, com o mesmo nome, estrelado por Oprah Winfrey (*Beloved*, 1998).

Figura 2 – *The modern Medea (A medeia moderna)*



Fonte: Noble (1867)

Um dia, Paul D, um dos escravos de *Sweet Home (Doce Lar)*, uma *plantation* onde Sethe, Halle, Baby Suggs e outros foram escravizados, chega à casa de Sethe. Denver acredita que a fantasma, chamada *Amada*, seria sua irmã mais velha, morta pela própria mãe, Sethe, que conseguiu tirar a vida apenas da filha mais velha. A intenção da mãe era livrar os filhos da vida na escravidão. Com a presença de Amada, Sethe dedica o seu tempo e dinheiro para agradar o fantasma da filha e tentar explicar suas ações, o que a leva a perder o emprego. Amada fica irritada e exigente; fica irada quando não consegue o que quer.

A presença de Amada consome a vida de Sethe, que praticamente não come. Enquanto Amada cresce, ela assume a forma de uma mulher grávida. A certo ponto, as vozes de Sethe e Beloved se fundem, ficam indistinguíveis. Denver observa que Sethe se torna mais parecida com uma criança, enquanto a Amada parece mais com a mãe. Denver pede ajuda à comunidade negra. Mulheres vêm à casa para exorcizar a *Amada*. No fim, arrasada com o desaparecimento de Beloved, Sethe, com remorso, diz a Paul D que a Amada era a melhor coisa que lhe tinha acontecido. Ele responde que Sethe é a sua melhor coisa, o que a faz questionar o que isso significaria. Com o passar do tempo, os que conheceram a Amada a esquecem gradualmente, até que seus vestígios desapareçam.

3 CONCEIÇÃO EVARISTO: VIDA E OLHOS D'ÁGUA

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em Belo Horizonte em 29 de novembro de 1946, é uma linguista e escritora afro-brasileira. Considerada uma literata do movimento pós-modernista brasileiro, suas produções dizem respeito a gêneros da poesia, romance, conto, ensaio e literatura comparada (Literafro, 2024). No livro *Olhos d'Água*, publicado em 2014, a autora (Evaristo, 2018) apresenta quinze contos ambientados em favelas e ruas, cujos personagens são pobres e vítimas da violência urbana. As histórias apresentam mulheres negras ou homens cujas vidas e destinos são sustentados pela força feminina.

O conto *Olhos d'Água* trata da volta à terra natal, em busca de respostas sobre o passado. Em *Ana Davenga*, é possível ver a vida inteira passar diante dos seus olhos, em angústias, pela espera por seu companheiro. *Dudu Querença* é a mulher que passa a se desintegrar na medida em que vai perdendo esperanças, sonhos e dignidade. *Maria* reencontra um ente querido na pior das situações. Em *Quantos Filhos Natalina Teve?*, a autora discorre sobre sentimentos de uma mulher por sua gravidez. *Beijo na Face* trata de sentimentos de uma mulher presa em um relacionamento opressor. *Luamanda* é uma mulher livre que experimenta os prazeres da vida.

O Cooper de Cida é o momento de ruptura em que a mulher confronta a correria da vida. *Zaíta* fala de tesouros e destinos de uma menina apanhada entre conflitos urbanos. *Di Lixão* é um menino de rua que fugiu da vida, junto da mãe. *Lumbiá* vive com a mãe, que o faz vender doces na rua. O conto intitulado *Os Amores de Kimbá* é sobre um jovem envolvido em uma trágica história de amor. *Ei, Ardoca* apresenta um homem que tem a vida marcada pelo movimento do trem em que viveu mergulhado desde o ventre da mãe. Em *A Gente Combinamos de não Morrer*, a autora mostra homens e mulheres perdidos entre crime e repressão. *Ayoluwa, a Alegria do Nosso Povo* diz respeito a uma menina nascida como um sinal de esperança e renascimento.

4 PREÂMBULO: DENÚNCIA

Antes de fazer as comparações, é útil apresentar um preâmbulo. Ambas as obras aqui trazidas são conhecidas por seu teor de denúncia. Diante de literaturas dessa natureza, a reflexão de Jurema Werneck (Evaristo, 2018, p. 14) é necessária: “O lugar de mero ouvinte é desautorizado. Nesta literatura/cultura, a palavra que é dita reivindica o corpo presente. O que quer dizer ação”. De forma semelhante, Martin Luther King afirma: “Nossas vidas começam a terminar no dia em que silenciemos sobre coisas que importam” (King, 2022, p. 14, tradução nossa). “No final, não nos lembraremos das palavras de nossos inimigos, mas do silêncio de nossos amigos” (King, 2022, p. 18, tradução nossa). Martin Niemöller, no contexto da Segunda Guerra Mundial, narra a seguinte história para enfatizar que o silêncio diante de injustiças não é uma opção:

Primeiro eles vieram atrás dos socialistas, e eu nada falei – porque eu não era socialista. Então, eles vieram atrás dos sindicalistas, e eu nada falei – porque eu não era sindicalista. Então, eles vieram atrás dos judeus, e eu nada falei – porque eu não era judeu. Então, eles vieram atrás de mim – e não sobrou mais ninguém para falar por mim (Niemöller, 2022, tradução nossa).

Além dessa questão do não-silêncio, há a da violência, que, para ser dirigida a certas pessoas, busca tornar um indivíduo em não-alguém, ou seja, em um não-humano. Trata-se de um processo de redefinição semelhante ao sofrido pelos judeus durante o שואה (*šō'á*), isto é, o *holocausto* (Žižek, 2002). Há indivíduos

que são enquadrados por outros na categoria de não ser, de não humano, a fim de que certas práticas, males e violência sejam legitimados (Alves, 2024, 2025). Giorgio Agamben (2002), ao tratar dessa temática, menciona a vida que não merece viver, a vida sem valor, ou seja, há pessoas que são classificadas como incuravelmente perdidas.

A discussão é, então, sobre valorização e politização da vida; é a “[...] decisão sobre o limiar além do qual a vida cessa de ser politicamente relevante, e então somente ‘vida sacra’ e, como tal, pode ser impunemente eliminada. Toda sociedade fixa este limite, toda sociedade – mesmo a mais moderna – decide quais sejam os seus ‘homens sacros’ [...]” (Agamben, 2002, p. 146). A figura do *homo sacer* (*homem sagrado*), presente no direito romano, é o indivíduo que pode ser morto. É vida matável, porém insacrificável. É vida fora do direito humano, fora do direito divino.

Essa vida é chamada de *sagrada* no sentido negativo. Em uma tradução interpretada, é uma *vida amaldiçoada*. Sendo assim, pode ser morto por qualquer um, sem ser penalizado pelo direito ou pelos deuses. Além disso, não é digno de morrer em rituais religiosos. Geralmente, esse *homo sacer* é um réu isolado da coletividade, pois cometeu algo considerado um delito contra alguém do grupo (Alves, 2024, 2025; Agamben, 2002). É o que Zygmunt Bauman chama de *refugo humano*:

A produção de ‘refugo humano’, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os ‘excessivos’ e ‘redundantes’, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização e um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da *construção da ordem* (cada ordem define algumas parcelas da população como ‘deslocadas’, ‘inaptas’ ou ‘indesejáveis’) e do *progresso econômico* (que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de ‘ganhar a vida’ e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência) (Bauman, 2005, p. 12).

Essas pessoas, rotineiramente declaradas *redundantes*, são consideradas um problema financeiro, por precisarem ser providas, alimentadas, calçadas e abrigadas. Assim, a vida de um *homo sacer* é desprovida de valor. Matá-lo não é um delito passível de punição. Privada de significação, essa existência passa a ser tratada como inútil. Traduzido em termos seculares contemporâneos, o *homo sacer*, na versão atual, não é definido por leis positivas, tampouco é portador de direitos humanos que precedam as normas jurídicas.

5 PONTOS DE CONTATO

Adentrando na comparação, opta-se por focar no primeiro capítulo da obra de Evaristo, por levar o mesmo título do livro e por trazer temas presentes em outros capítulos e em outras obras da autora. Além disso, optou-se por seguir os capítulos 1 e 2 do livro de Toni Morrison, devido à extensão da produção. Assim, espera-se que tais escolhas proporcionem melhor profundidade analítica, em vez de uma escolha

que valorize uma perspectiva panorâmica. A linha guia de comparação é o texto de Evaristo, ou seja, os temas evocados surgem a partir do texto de Evaristo e encontram pontos de contato no texto de Morrison.

6 OLHOS (E MEMÓRIA)

O tópico dos *olhos* atravessa todo o texto de Evaristo, como um refrão, que acompanha o assunto da memória e do rememorar, também presente no texto de Morrison:

Quadro 1 – Olhos e memória

EVARISTO	MORRISON
“<i>De que cor eram os olhos de minha mãe?</i> Atordoada, custei a reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali [...] Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, <i>me descobria cheia de culpa por não me recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela</i>” (Evaristo, 2018, p. 16, ênfase nossa)	“[...] <i>A garota do Halle [Sethe] – de olhos de aço e tutano igual. Ele nunca tinha visto o cabelo dela em Kentucky. E, embora seu rosto estivesse dezoito anos mais velho que na última vez que a vira, estava mais suave agora. Por causa do cabelo. Um rosto imóvel demais para ser confortável [...]</i>” (Morrison, 2007, p. 25, ênfase nossa)
“E foi então que, tomada pelo <i>desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe</i>, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. <i>Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos [...]</i>” (Evaristo, 2018, p. 18, ênfase nossa)	“[...] Dá para acreditar? Oito filhos e é só disso que eu lembro.” <i>‘É só isso que você deixa voltar na sua lembrança,</i> Sethe disse’ [...] <i>Os olhos de Sethe estavam fechados; o rosto dela não era tão atraente. Então deviam ser os olhos dela que o deixavam ao mesmo tempo em guarda e agitado. Sem eles, o rosto dela era suportável — um rosto que ele conseguia manejar. Talvez se ela os mantivesse fechados assim... Mas não, havia a boca. Bonita. Halle nunca avaliou tudo o que tinha</i>” (Morrison, 2007, p. 20, 46, ênfase minha)

Fonte: Elaborado pelos autores

A temática dos olhos traz à memória um dito do primeiro século da era comum: “Ο λύχνος τοῦ σώματος ἐστὶν ὁ ὀφθαλμός. ἐὰν οὖν ᾗ ὁ ὀφθαλμός σου ἁπλοῦς, ὅλον τὸ σῶμά σου φωτεινὸν ἔσται· ἐὰν δὲ ὁ ὀφθαλμός σου πονηρὸς ᾗ, ὅλον τὸ σῶμά σου σκοτεινὸν ἔσται. εἰ οὖν τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος ἐστίν, τὸ σκότος πόσον” (*ho lychnos tou sōmatos estin ho ophthalmos. ean oun ē ho ophthalmos sou haplous, holon to sōma sou phōteinon estai ean de ho ophthalmos sou ponēros ē, holon to sōma sou skoteinon estai. ei oun to phōs to en soi skotos estin, to skotos poson*), isto é, “A lâmpada do corpo são os olhos. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo luminoso será; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo será trevas. Portanto, se a luz que em ti há é trevas, quão grandes trevas serão!” (Ματθαῖον, 300, p. 1241, tradução nossa).

7 POBREZA (ALIMENTO E FOME)

Aqui, a semelhança está no pouco ter. Em Morrison, ter uma casa, mesmo aquela, era melhor do que não ter nenhuma. A situação de ter pouco é observada em Evaristo, quando ela menciona que as meninas têm que ganhar roupas antes dos meninos, por causa do crescimento dos seios.

Quadro 2 – Pobreza, alimento e fome.

EVARISTO	MORRISON
“<i>Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento</i>” (Evaristo, 2018, p. 16, ênfase nossa)	“[...] Essa casa, da qual ele dissera que ela devia se mudar como se uma casa fosse pouca coisa — uma blusa ou uma cesta de costura que se pode abandonar ou dar de presente a qualquer momento. <i>Ela que nunca tivera nenhuma outra além daquela; que tinha deixado um chão de terra para vir para aquela; ela, que tinha de levar um punhado de cercefi para a cozinha de Mrs. Garner todo dia só para poder trabalhar ali [...]</i>” (Morrison, 2007, p. 42, ênfase nossa)
“[...] <i>diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos a cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía</i>” (Evaristo, 2018, p. 17, ênfase nossa)	“[...] o forno de terra à luz das estrelas; ou então deixar as pedras menos quentes e colocar as batatas do dia seguinte em cima delas depois da refeição. Seiso não conseguiu acertar nunca, mas eles <i>comiam aquelas batatas malcozidas, supercozidas, ressecadas ou cruas</i> mesmo assim, riam, cuspiam e lhe davam conselhos” (Morrison, 2007, p. 41, ênfase nossa)

Fonte: Elaborado pelos autores

O pouco ter também é visto, em ambas as obras, nos temas do cozinhar e do desespero por alimento.

8 ESCRAVIDÃO (CORPOS: ANTES E DEPOIS)

Rainhas e princesas africanas são vistas em suas terras de origem. É possível vislumbrar, aqui, a ideia de um passado anterior à escravidão, quando, na África, indivíduos podiam ser da realeza. Agora, após a escravidão, os efeitos permanecem. Ser da realeza é uma brincadeira para distrair a atenção da realidade e da miséria.

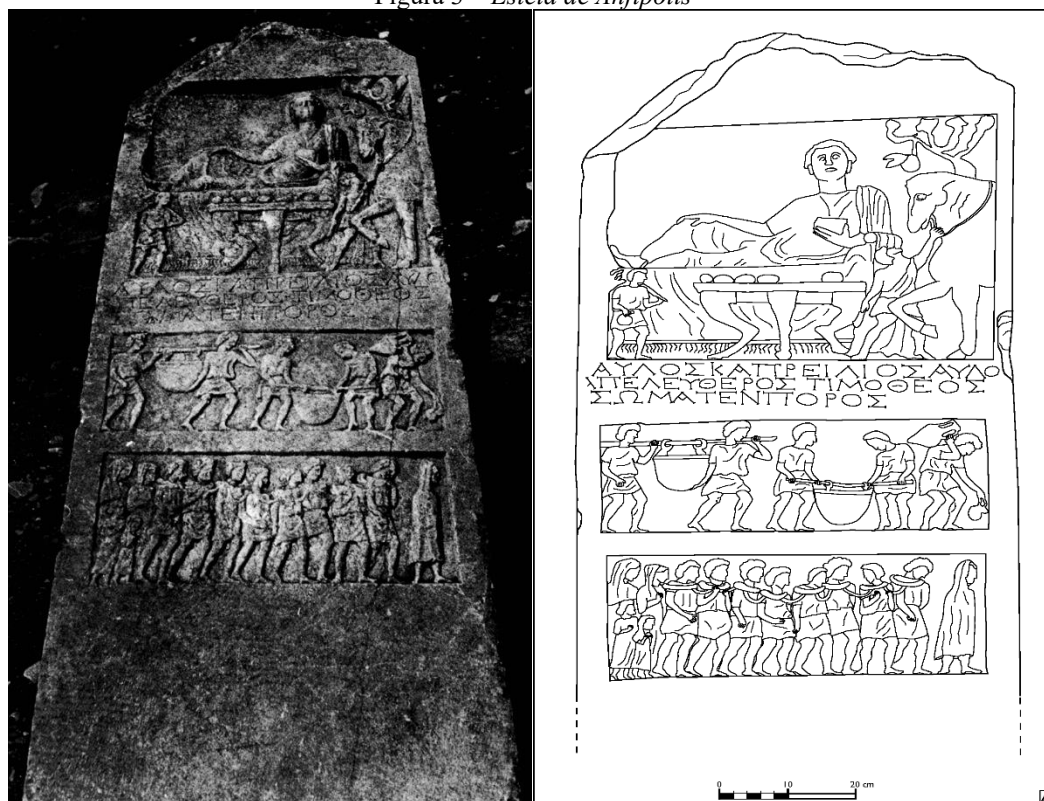
Quadro 3 – Pobreza, alimento e fome

EVARISTO	MORRISON
“Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. <i>Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa por não me recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela [...]. Mas de que cor eram os olhos dela?</i>” (Evaristo, 2018, p. 16, ênfase nossa)	“<i>Sessenta milhões e mais [...]</i> ‘Podemos mudar’, ela sugeriu uma vez à sogra. ‘Para quê?’, Baby Suggs perguntou. ‘<i>Não tem uma casa no país que não esteja recheada até o teto com a tristeza de algum negro morto.</i> Sorte nossa que esse fantasma é um bebê’ [...] A imagem dos homens vindo para mamar nela era tão sem vida quanto os nervos de suas costas onde a <i>pele era ondulada como uma tábua de lavar roupa [...]</i> <i>Negro não é homem [...]</i> ‘Usaram o chicote em você?’ ‘E tomaram meu leite.’ ‘Bateram em você e você estava grávida?’ ‘E tomaram meu leite!’” (Morrison, 2007, p. 7, 20, 21, 27, 35 ênfase nossa)
“[...] <i>Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira.</i> Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. <i>E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos a cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos [...]</i> já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que, desde a África, vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue” (Evaristo, 2018, p. 17, 18, ênfase nossa)	“<i>Sessenta milhões e mais [...]</i>” (Morrison, 2007, p. 7, ênfase nossa)

Fonte: Elaborado pelos autores

Na epígrafe, Morrison menciona os *sessenta milhões e mais*, uma referência aos escravos levados para a América. O passado da escravidão está vivo no presente, à semelhança do que ocorre no Brasil contemporâneo. Para conhecer como os escravos eram tratados em tempos passados, é útil voltar os olhos para uma estela funerária, datada do século II a. C. – I d. C. (Koester, 2008; Chanotis, 2023; Duchêne, 1986), que apresenta um comerciante de escravos do Mar Negro, *Aulus Kapreilius*. O artefato arqueológico apresenta escravos em cadeias caminhando (figura 3).

Figura 3 – Estela de Anfípolis



Fonte: Adaptado de Duchêne (1986, p. 515) e Shaw (2014, p. 191)

No registro superior, o comerciante aparece em seu banquete fúnebre. No registro intermediário, há a preparação e o transporte do vinho em ânforas, como parte do tráfico de escravos para o norte. Na parte inferior, uma fila de escravos, dez adultos, homens e mulheres, e duas crianças, ligados uns aos outros por correntes de pescoço e grilhões, sendo levados para venda por uma figura encapuzada à direita. Entre o topo e o meio, há a legenda em grego: Αὔλος Καπρεΐλιος, Αὔλο[Υ] Απελευθέρος, Τιμοθέος Σώματενπιόρος (AYLOS KAPREILIOS, AYLO[Y] APELEUTHEROS, TIMOTHEOS SŌMATENPOROS), ou seja, *Aulus Caprius, liberto de Aulus, Timotheus, comerciante de corpo* (Shaw, 2014). *Comerciante de carne/corpo* aponta para um tema presente nos livros de Morrison e de Evaristo: o escravo, marginalizado, é considerado não alguém, mas um objeto, um pedaço de carne, não humano.

9 RELIGIÃO

Em Evaristo, nota-se a precariedade da moradia e o tema recorrente dos olhos. De modo especial, lança-se a atenção, aqui, para a questão da religiosidade, quando a mãe dela *balbuciava rezas a Santa Bárbara*, uma referência à religiosidade católico-romana, conhecida por ser protetora diante de tempestades, raios e trovões (Couto, 2010). A religiosidade também é notada em Morrison. Aqui, especificamente, há uma citação de um texto do livro cristão, a carta escrita pelo apóstolo Paulo aos cristãos

que viviam em Roma. Trata-se de uma fala da divindade cristã, que afirma que vai chamar de seu povo aqueles que não fossem seu povo israelita, de amada o povo que não a nação de Israel (Bíblia, 1993).

Quadro 4 – Religião

EVARISTO	MORRISON
“Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós [...] Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás [orixás femininos], donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?” (Evaristo, 2018, p. 17, 18, ênfase nossa)	“Chamarei meu povo ao que não era meu povo; E amada à que não era amada. Romanos 9,25 [...]” (Morrison, 2007, p. 8, ênfase nossa)
“[...] Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe” (Evaristo, 2018, p. 18, ênfase nossa)	“Tem uma árvore nas minhas costas e um fantasma na minha casa [...] era, na verdade, um repulsivo emaranhado de cicatrizes. Não uma árvore, como ela disse. Talvez com a forma de uma, mas nada a ver com nenhuma árvore que ele conhecesse, porque árvores são atraentes; coisas em que se pode confiar e estar perto; com que se pode conversar se quiser, como ele fez tantas vezes desde que tomava a refeição do meio-dia nos campos da Doce Lar. Sempre no mesmo lugar, se conseguisse. E escolher o lugar tinha sido difícil porque o Doce Lar tinha mais árvores bonitas do que qualquer fazenda à volta. A escolhida ele chamara de Irmão, e sentava embaixo dela, às vezes sozinho, às vezes com Halle e os outros Pauis, mas quase sempre com Seiso [...]” (Morrison, 2007, p. 33, 40, ênfase nossa)

Fonte: Elaborado pelos autores

A árvore, em uma das citações, aparece como símbolo de religiosidades africanas. A ideia de um fantasma também chega a ser mencionada no livro de Morrison como algo que vem ligado ao exorcismo. Tanto a árvore quanto o exorcismo, segundo alguns estudiosos do livro *Beloved*, são temas ligados às religiões africanas. Em Evaristo, a questão dos orixás também é um ponto de contato. Em algumas religiões africanas, a árvore é símbolo de amor, vida e conhecimento; simboliza a grande família africana (Bonnet, 1997).

10 FAMÍLIA (MIGRAÇÃO, DESENRAIZAMENTO E LAR)

O desenraizamento também aparece como tema nos livros. Essas obras apresentam, implícita e explicitamente, pessoas forçadas a saírem de seus lugares de origem, de seus lares, restando a elas viver de modo precário e sem suas raízes, passados, tradições e modos de viver (Bourdieu; Sayad, 2006).

Quadro 5 – Família (migração, desenraizamento e lar)

EVARISTO	MORRISON
“[...] <i>Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família; ela e minhas irmãs tinham ficado para trás</i>” (Evaristo, 2018, p. 18, ênfase nossa)	“[...] <i>Doce Lar</i> [...] embora não houvesse uma única folha naquela fazenda que não lhe desse vontade de gritar, a fazenda se desdobrava na sua frente em desavergonhada beleza. Nunca parecera tão terrível como agora e a <i>fazia pensar se o inferno seria um lugar bonito também. Fogo e enxofre, sim, mas escondidos em bosques rendilhados</i>. Rapazes pendurados nos sicômoros mais lindos do mundo. Sentia vergonha de lembrar das maravilhosas árvores sussurrantes mais que dos rapazes. Por mais que tentasse o contrário, os sicômoros venciam as crianças todas as vezes e não conseguia perdoar sua memória por isso [...] [Denver:] ‘Por que que todo mundo que foi embora da <i>Doce Lar</i> não consegue parar de falar de lá? Parece que se fosse tão doce lá vocês deviam ter ficado’. [...] [Paul D:] ‘Verdade, verdade. Ela tem razão, Sethe. Não era doce e com certeza não era lar’” (Morrison, 2007, p. 21, 31 ênfase nossa)
“[...] <i>ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão-doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?</i>” (Evaristo, 2018, p. 17, ênfase nossa)	“<i>O 124 era rancoroso. Cheio de um veneno de bebê. As mulheres da casa sabiam e sabiam também as crianças. Durante anos, cada um lidou com o rancor de seu próprio jeito</i> [...]” (Morrison, 2007, p. 17, ênfase nossa)
“<i>E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos, os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?</i>” (Evaristo, 2018, p. 17-18, ênfase nossa)	“Juntas [Sethe e Denver] travavam uma inútil batalha contra o comportamento daquele lugar; contra penicos virados, tapas no traseiro e rajadas de ar viciado [...] Paul D amarrou os sapatos um no outro, pendurou-os no ombro e foi atrás dela, porta adentro, direto para uma poça de luz vermelha e ondulante que o imobilizou onde estava. ‘Está com visita?’, ele sussurrou, franzindo a testa, ‘De vez em quando’, disse Sethe. ‘Meu Deus’. Ele recuou da porta de volta à varanda. ‘Que mal é esse que tem aí dentro?’ ‘Não é mal, é só tristeza. Venha. Entre de uma vez’” (Morrison, 2007, p. 18, 24, ênfase nossa)

Fonte: Elaborado pelos autores

Considerando Evaristo, o eu sai do seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida. Essa migração, mesmo que supostamente voluntária, isto é, quando o indivíduo decide partir, acaba sendo uma locomoção forçada. Em meio a ditos populares, há um que diz que Minas Gerais tem a fama de exportar boi gordo (para vender a carne) e mineiro magro (para vender o lombo, a força de trabalho). Isso evidencia uma realidade de migração para fora do estado em busca de melhores condições de vida.

No texto de Morrison, há uma descrição do lugar antigo, onde os personagens viviam quando eram escravos. A descrição é irônica, uma vez que o lugar de dor é chamado *Doce Lar*, que, na verdade, era belo

apenas no nome, pois era um inferno para os escravizados. Ademais, em Evaristo, o tema da vida em família, no lar, é recorrente. Em Morrison, esse assunto é descrito como *rancoroso*, um lugar negativo, cheio de veneno. Além disso, como é de se esperar, o tema dos olhos da mãe atravessa o livro *Olhos d'Água*.

Ao mencionar a moradia, Evaristo indica sua precariedade. O contexto de origem, a julgar pela vida da autora e pelo que se tem de conteúdo no livro, é de pobreza, isto é, moradia e situação são precárias. Essa situação de favela remete a ações de marginalização urbana com tendências intencionais, como no caso do Rio de Janeiro do início do século XX, quando houve reformas urbanísticas para alargar as ruas e modernizar a cidade, à semelhança de Paris.

Esse fenômeno ficou conhecido como o *bota-abaixo*. A partir de 1903, em um contexto de modernização da cidade e higienismo, os despejados, não sendo realocados, juntavam “[...] restos de madeira dos caixotes de mercadorias descartados no porto e se puseram a montar com eles toscos barracões nas encostas íngremes dos morros que cercam a cidade, cobrindo-os com folhas-de-flandres de latões de querosene desdobrados. Era a disseminação das favelas” (Sevcenko, 1998, p. 23).

Em Morrison, observa-se uma casa que não favorecia os moradores. O texto aponta para a falta de liberdade da população negra escravizada, algo também presente na história de negros escravizados no Brasil. No caso do Rio de Janeiro, parte da comunidade acadêmica afirma que moradores pobres foram expulsos do centro da cidade, indo morar em morros com os restos de suas casas demolidas, o que indica que o passado ecoa no presente.

11 CONSIDERAÇÕES

A partir de breves comparações e dos dados apresentados, foi possível notar que as duas obras aqui abordadas têm pontos em comum. São obras que tratam de olhos, pobreza, escravidão, religião e família. Também abordam violência e reação à violência, com foco na questão da subjetividade de indivíduos. Para finalizar, destacam-se as palavras que marcam o clímax da obra de Evaristo, que aparecem no fim do conto *Olhos d'Água*:

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E, um dia desses, me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, contemplando-me intensamente. E, enquanto jogava

o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como se estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. *Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:*

– Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (Evaristo, 2018, p. 18-19, ênfase nossa)

REFERÊNCIAS

ALVES, Luís Fernando de Souza. “**Posseiro bom é posseiro morto**”: coronel Georgino e o conflito agrário de Cachoeirinha no Norte de Minas Gerais. 2024. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território) – Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, 2024.

ALVES, Luís Fernando de Souza Alves; REZENDE, Luiz Paulo Fontes de; PEREIRA, Laurindo Mekie. “The dictatorship only caught those who were vagabonds”: the fruits of the 1964 coup on peasants in Northern Minas Gerais. **Revista de história regional**, v. 30, p. 1-32, 2025.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BELOVED. Direção: Jonathan Demme. Produção: Edward Saxon; Jonathan Demme; Gary Goetzman; Oprah Winfrey; Kate Forte. Intérpretes: Oprah Winfrey; Danny Glover; Thandiwe Newton; Kimberly Elise; Beah Richards; Lisa Gay Hamilton; Albert Hall. Roteiro: Akosua Busia; Richard LaGravenese; Adam Brooks. Música: Rachel Portman. United States: Touchstone Pictures, 1998.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BONNET, Michele. “To take the sin out of slicing trees...”: the law of the tree in Beloved. **African American Review**, v. 31, n. 1, p. 41-54, 1997.

BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. A dominação colonial e o sabir cultural. **Revista de Sociologia e Política**, v. 26, p. 41-60, 2006.

CHANIOTIS, Angelos. Slavery and the history of emotions: the Greek epigraphic evidence. **Proceedings of the American Philosophical Society**, v. 164, n. 3/4, p. 183-214, 2023.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas**: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940). Salvador: EDUFBA, 2010.

DUCHÊNE, Hervé. Sur la Stèle d'Aulus Caprius Timotheos, Sômatemporos. **Bulletin de Correspondance Hellénique**, v. 110, n. 1, p. 513-530, 1986.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOESTER, Craig R. Roman slave trade and the critique of Babylon in Revelation 18. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 70, n. 4, p. 766-786, 2008.

LITERAFRO. Conceição Evaristo. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 22 jun. 2024.

KING, Martin Luther. *In*: HAALAND, D. (Ed.). USA. **Connections**, p. 1-34, 2022.

MAGRITTE, René. **The false mirror**. 1929. Óleo sobre tela. 54 x 80,9 cm.

MATΘAÏON *In*: **CODEX VATICANUS**. Vaticano, 300. 1 manuscrito.

MORRISON, Toni. **Amada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORRISON, Toni. **Beloved**: a novel. New York: Vintage Books, 2004.

NIEMÖLLER, Martin. **First they came for the socialists...** Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/martin-niemoeller-first-they-came-for-the-socialists>. Acesso em: 7 mar. 2022.

NOBLE, Thomas Satterwhite. **The modern Medea**. 1867. Xilogravura. 27,6 x 40,3 cm.

OBSERVER VOICE. Toni Morrison: wordsmith of the human experience. **Observer Voice**. Disponível em: <https://observervoice.com/18-february-remembering-toni-morrison-on-birth-anniversary-14532/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

PÉREZ, Amín. A liberação do conhecimento: Bourdieu e Sayad ante o colonialismo. *In*: DIAS, Gustavo; BÓGUS, Lúcia; PEREIRA, José Carlos Alves; BAPTISTA, Dulce (org.). **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad**. São Paulo: EDUC, 2020.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. *In*: NOVAIS, Fernando Antônio; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p. 23

SHAW, Brent Donald. The great transformation: slavery and the free republic *In*: FLOWER, Harriet I (ed.). **The Cambridge companion to the Roman republic**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2014.

WERNECK, Jurema. Introdução. *In*: EVARISTO, C. **Olhos d'Água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.

ŽIŽEK, Slavoj. Are we in a war? Do we have an enemy? **London Review of Books**, v. 24, n. 10, 2002.